CENTENÁRIO DE CRUZ FILHO

Hélio Melo

Foi com natural desvanecimento que recebi do Instituto do Ceará a incumbência para falar sobre o poeta Cruz Filho, no transcurso do centenário do seu nascimento. Mais do que a amizade — e seria desnecessário dizê-lo — a admiração ao poeta me fez aceitar o honroso encargo. Apesar de ter convivido com ele bastantes anos, há, neste organismo cultural, confrades que, por terem tido maior convivência, o conheceram mais de perto. Por isso mesmo estariam mais autorizados para o desempenho desta honrosa missão.

Pensei em recuar da empresa, confesso-o, que para mim não é fácil, pois a considero de alta responsabilidade, por se tratar de uma de nossas sumidades poéticas. Mas, de logo, senti-me na indeclinável obrigação intelectual de também prestar justa homenagem ao vate cearense. É nosso dever guardar a memória dos que o merecem. E Cruz Filho está entre estes, porque seu nome não é daqueles que com a morte se apagam.

Figura marcante da vida intelectual de nosso Estado, está ele colocado entre os mais altos cultores da nossa poesia. Trata-se de um poeta de primeira ordem, digno de ser estudado longamente, se o tempo e as forças mo permitissem.

Nasceu José da Cruz Filho em Canindé, no dia 16 de outubro de 1884, onde também lhe nasceram as primeiras fulgurações do espírito. Foram seus pais José Joaquim Cordeiro da Cruz Júnior e Dona Maria Cordeiro Rocha Cruz, que já se não casaram tão jovens, de cujo consórcio veio mais um filho de nome Gregoriano. Estudou ele no Colégio de Santo Antônio, centro de formação não só religiosa como cultural, onde cursou até a 4ª classe. O convento da Ordem Franciscana mantinha o colégio, conhecido como bem equipado, dados os recursos que convergiam para o Santuário de São Francisco. Os Padres Capuchinhos fundaram o colégio e nele instalaram o ensino profissional, talvez o primeiro a ministrar-se no Estado, e que teve parte importante na educação de tantos jovens que depois se projetaram na vida nacional. O colégio destinava-se ao cultivo das vocações sacerdotais, mas a par dessa finalidade, havia as oficinas para despertar as inclinações artísticas dos jovens.

A cultura clássica que Cruz Filho conseguiu adquirir, já em Canindé, graças a seu esforço individual, iria projetá-lo mais tarde, como um dos

poucos poetas de valor do Ceará, no sentido humanístico do termo. Nessa cidade, participou da publicação de alguns jornais, ao lado de seu irmão Gregoriano, de Tomás Barbosa e de outros, destacando-se "A Imprensa", órgão semanal cujo primeiro número saiu no dia 22 de junho de 1913 e que Adonias Lima dizia ser o jornal mais bem escrito do Ceará. Os artigos de fundo eram da autoria de Cruz Filho. Depois, vieram "O Canindé", onde Gregoriano mantinha uma seção denominada "Perfis", com clichês talhados em madeira por Tomás Barbosa, e o "Santuário de São Francisco", jornal ainda circulante, de orientação religiosa, e defensor dos interesses da comunidade, e que cheguei a conhecer por intermédio de um de seus assinantes em Fortaleza, o professor e filólogo Eduardo Gomes de Matos.

Embora o ambiente de Canindé lhe não fosse culturalmente tão árido, faltava-lhe, contudo, estímulo e platéia para suas produções literárias, que o levariam, mais tarde, à Academia Cearense de Letras. Duas tribunas lhe foram destinadas: o jornal, para a publicação de seus versos, e a cátedra, para cujas salas de aula levou o clarão de sua inteligência e de seus conhecimentos.

Posto que muito o marcasse a influência mesológica, transferiu-se, em 1918, para Fortaleza. Aqui encontraria o clima intelectual de que tanto necessitava seu espírito ávido de mais altos vôos.

CANINDÉ

Antes de referir-me à atuação de Cruz Filho em nossa capital, desejo alongar a minha memória para os recuados tempos de 1932, quando conheci Canindé, cidade fincada no sertão central do Ceará, em zona das mais agrestes. Aliás, posteriormente, o poeta Antônio Sales me chamaria a atenção para o contraste geográfico entre Canindé e o Vale do Cariri.

Levado por meu saudoso pai, tinha eu apenas dez anos de idade, quando, pela primeira vez, senti de perto, em toda a sua crueza, a tragédia da seca, esse terrível flagelo que transforma homens financeiramente remediados em mendigos, homens válidos em doentes, deixando atrás de si dolorosas marcas de devastação. O tétrico cenário de fome e sofrimento, que tanto me impressionou. Jamais se me deliu da mente. Guardo a dolorosa impressão que se me fixou, nos olhos de criança, daquele inesquecível quadro de miséria e desespero. Pelas estradas só se via angústia e desolação. Eram levas de retirantes, despegando-se de suas raízes ecológicas, na tentativa de subsistir. Caminhavam sob um céu aberto, sem nenhum farrapo de nuvem, queimados por um sol causticante, cercados tristemente por uma natureza inerte. A emigração em busca do desconhecido era a única saída para aquela gente sofrida e martirizada pela sede e pela fome. A natureza avara punha à prova a resistência daqueles bravos nordestinos, definhados pela situação de penúria em que se encontravam, vítimas dessa terrível catástrofe de imprevisível dimensão social. Lançavam-se à aventura do desconhecido, numa demonstração de extraordinária bravura.

Restava-lhes esta única e preciosa riqueza: a coragem. A fome, que era imensa e devastadora, como um déspota, estrangulava aquela gente humilde e paciente. Ficou-me a fisionomia de um desses miseráveis, vergado pelo peso do sofrimento, que estendera a mão, magra e ressequida, a meu pai. Era um caco humano, "uma varredura de gente", como diria Monteiro Lobato, uma figura esquálida quase devorada pelo flagelo. Esses farrapos humanos, vencidos pela natureza inclemente, que traziam em si o fiel e doloroso retrato da miséria, destinavam-se à capital, na esperança de minorar seus sofrimentos. Aqui, entretanto, eram vistos como intrusos e indesejáveis. Seu drama crescia, então, de intensidade.

O Governo se tem empenhado no combate às secas, para cuja atenuação há contribuído, de modo persistente, o clero cearense, sempre solidário com as vítimas dessas catástrofes. Monsenhor Quinderé, de inesquecível memória, refere-se, em seu livro sobre D. Joaquim José Vieira, ao penoso trabalho de D. Manuel da Silva Gomes, indo, pessoalmente, angariar recursos, no Sul do País, para as vítimas da seca. D. Antônio de Almeida Lustosa, que foi ilustre membro deste sodalício, impressionado com o que vira na seca de 1942, escreveu emocionante carta pastoral, em que descreve, de maneira comovedora, o drama daquela seca a cujos flagelados deu excepcional assistência.

Foi, senhores, nesse triste cenário de dor e sofrimento que conheci Canindé, em cujas ruas encontrei um povo faminto e seminu; essa mesma terra para onde ainda demandam, nas festas de seu padroeiro, o milagroso São Francisco, incontáveis levas de peregrinos dos mais longínquos recantos do país. De modesta capela, erigida em 1796, por um devoto do conhecido Taumaturgo, Francisco Xavier de Medeiros, transmudou-se em famosa Basílica, para onde acorrem, anualmente, milhares de pessoas em busca de lenitivo para seus padecimentos físicos e morais.

EM FORTALEZA

Cruz Filho, logo que chegou a Fortaleza, em 1918, foi nomeado inspetor regional do ensino, tendo-se, em função do cargo, deslocado várias vezes para o interior do Estado, em inspeção às escolas que lhe estavam ao encargo. Ao longo dessas visitas, deixou registradas muitas observações e sugestões que Lourenço Filho, então diretor da instrução pública do Estado, soube aproveitar e louvar, conforme declarou ao próprio Cruz, quando exercia este o cargo de oficial de gabinete do Presidente Justiniano de Serpa, para o qual foi indicado por Antônio Sales, amigo íntimo de ambos. Exerceu Cruz Filho ainda os cargos de Diretor Geral da então Secretaria do Interior e Justiça e Diretor da Hospedaria Getúlio Vargas e, finalmente, o de Secretário da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, em que se aposentou.

Vi-o, pela primeira vez, na pior fase de sua vida, quando fazia eu, por volta de 1940, o curso pré-jurídico, jovem quase implume, mas já amante das letras. Certa noite, quando regressava do velho Liceu, passava ele pelo centro da cidade, quando um amigo me chamou a atenção: "aquele é o poeta Cruz Filho". Aguçava-me o interesse de conhecê-lo, porque Antônio Sales, com quem já convivia, dele me falava com grande simpatia intelectual. Ambos dormem hoje o sono eterno da sepultura. Nessa época, em que talvez vivesse o poeta espezinhado pelo egoísmo e a opressão sociais, atravessava ele uma fase de desregramento, alienado da realidade da vida, descuidoso do porvir, entregue à boemia, procurando afogar no álcool as preocupaçõs e tormentas da vida.

Não vos recordo essa passagem crítica de sua vida por intenção propositada; recordo-vo-la para mostrar quanto vale o poder da vontade, essa força interior que há em todos nós. Retomado o caminho certo, Cruz Filho jamais ingeriria, pelo resto da vida, uma só gota de álcool.

Pelo seu alto valor era um injustiçado. Só mais tarde, Beni Carvalho, seu dileto amigo, ao assumir a interventoria do Estado, reparava a injustiça, nomeando-o para os quadros da Faculdade de Direito, como subsecretário, para o que foi preciso subtrair-lhe dez anos na idade.

Os que conviveram com ele na década de vinte, quando freqüentava as rodas palacianas como membro do Governo Serpa, dão notícia de que era um dos homens mais elegantes de seu tempo, um verdadeiro dândi.

O fato de se não ter formado não diminui o lustre do poeta. Era um autodidata, como o foram outros mestres do Ceará, entre os quais, o próprio Antônio Sales, Martinz de Aguiar, Monte Arrais, Otacílio de Azevedo, Serra Azul, e, no plano nacional, a personagem esplendente de Machado de Assis.

Só a partir de 1958, já estando ele em idade madura, é que viria eu privar de sua intimidade, quando então, encareceram as nossas relações. Tal convivência é que me permitiu conhecer-lhe a retidão de sentimentos e os atributos intelectuais e dotes morais de tão alta valia. Desde então, passei a apreciar as qualidades desse homem pobre de bens materiais, tão desinteressado de si, contrastantes sem dúvida com o exagerado egotismo dos dias atuais, mas rico de virtudes morais, mesmo porque o dinheiro nunca o fascinou, o que rareia no mundo de hoje, em que só se vive de algarismos. Possuía ele um dos mais belos ornamentos do espírito humano: a modéstia. Procurava ocultar-se em si mesmo, com o pundonor próprio de quem não deseja aparecer. Enquanto a maioria dos homens gosta de saborear louvores, estes constituíam para Cruz Filho terrível constrangimento. Enquanto muitos vivem na ambição do esplendor e da glória, era do seu real agrado viver na penumbra e na obscuridade. No seu dicionário não havia a palavra "vaidade", mal de que sofrem, geralmente, os nossos intelectuais. Diria como Machado de Assis que "odiava o pedantismo, qualquer que fosse seu sexo". As causas do seu retraimento não nos é difícil achá-las. Tinha sua

origem nos anos em que trabalhou recluso em educandário religioso, de rígido regime disciplinar ou no próprio temperamento. Por ser retraído, não era homem de cortesanices. Essa extraordinária modéstia que lhe adornava a personalidade, exalçada por extrema lealdade, está sendo hoje substituída pelo cinismo que grassa nas camadas sociais mais elevadas, onde muitos não sabem subir sem esmagar o próximo, preocupados com o poder, a riqueza, a glória, o imediatismo, enfim, cinismo que no dizer de Machado de Assis "é a sinceridade dos patifes". Cruz Filho deu, não obstante, expressiva importância aos títulos que lhe conferiram. As raras homenagens que lhe prestávamos em seu aniversário o colocavam em penosa situação de angústia, acanhamento e vexame. Ele devia compreender que vivemos neste mundo sujeitos a leis e convenções sociais, embora muitas vezes as abominemos. Nada se perde com ser simples e bom. Cruz, além disso, era sincero, manso, desinteressado e discreto, amigo, sobretudo, do recato e da obscuridade. Os que com ele convivemos na Faculdade de Direito — Instituição a que prestou inolvidáveis serviços — dele guardamos, porque deveras lhe queríamos, uma grata e inesquecível lembrança.

O CELIBATÁRIO

Há homens que nascem para viver na solidão. Cruz Filho foi um deles. Pode o celibatário viver o melhor dos mundos, entregue aos devaneios do espírito, que são, no caso, a sublimação da própria vida matrimonial. Cruz Filho fez dos livros, da poesia, a sublimação do amor conjugal e trazia a paz consigo. Essa tranqüilidade interior, essa alegria de viver, tanto pode estar dentro como fora do casamento. Vocação ou sorte, o homem, em qualquer desses estados, encontrará a suprema felicidade, ou o terrível desespero. A verdade é que, no casamento ou no celibato, estaremos sujeitos às duras provações da vida. Para ambos os casos se exige coragem e determinação. Se para muitos é o casamento um encanto perene, para outros é a suprema desgraça, para a qual se é arrastado por uma força violenta e estranha. Tanto mais no mundo atual, absorvente, trepidante, avassalador, cheio de solicitações, em que cedo passa a fase do delírio conjugal. Encara-se atualmente o matrimônio com leviandade e por isso vem ele perdendo o seu valor intrínseco. Muitos fazem dele uma improvisação, uma aventura que os levam ao abismo. Hoje em dia, uma pequena oposição de sentimentos ou ligeiros incidentes bastam para separar um casal. Quantos só depois de casados é que se apercebem que têm sentimentos adversos! Casam-se e com pouco tempo já não se pertencem, porque o fogo fátuo do amor se apaga logo no coração dos cônjuges. E tanto mais agora, quando a mulher, cada dia mais independente, compete sobranceiramente com o homem. Há um século já dizia Machado de Assis que "a mulher está perdendo a superstição do homem".

Hoje, a mulher se iguala ao homem nas responsabilidades do lar com a reforma da Lei nº 4.121, de 27 de agosto de 1962, o chamado "Estatuto da Mulher Casada", passou esta a assumir com o casamento a "condição de companheira, consorte e colaboradora do marido nos encargos de família, cabendo-lhe velar pela direção material e moral desta".

Se para muitos é o casamento uma suave cadeia, para outros são grilhões de ferro. Muitas vezes, para suportá-los, é preciso forte dose de paciência e renúncia. Por isso, preferível mil vezes é o celibato a um mau casamento, porque este rouba a paz e o sossego dos cônjuges, não lhes permitindo sequer raros e breves lapsos de entendimento, sobretudo quando problemas e preocupações se assoberbam à falta de comunhão de sentimentos, o que impossibilita ao casal a mais simples conversa preambular.

O poeta é um ser que aspira a uma vida livre e despreocupada, sem peias, sem compromisso de ordem sentimental senão consigo próprio. Cruz Filho, consciente de que o casamento poderia trazer-lhe muitas complicações, conjurou antecipadamente possíveis hipóteses. Foi no celibato que encontrou o seu *modus vivendi,* ou até mesmo sua autêntica maneira de viver, tranqüilo consigo mesmo, pois era essa a sua exata vocação. Fez dos livros os seus verdadeiros filhos que são também, muitas vezes, a compensação do matrimônio. E essa compensação chega a superar não raro o estado conjugal.

Os estos matrimoniais lhe sopraram, entretanto, mais de uma vez buscado por moças casamenteiras, noivas que lhe quisessem, não deixou de tê-las. Mas, o poeta resistiu. Poderia o casamento negrejar-lhe a paz interior, com seus vendavais muitas vezes inevitáveis, levando-o à pior das solidões: a que se tem ao lado da companheira. O poeta não quis arriscar. Sabia que o casamento traz consigo compromissos para uma vida em comum. Mais que isso: impõe renúncias e muitas vezes inauditos sacrifícios com os difíceis relacionamentos domésticos. Se não aceitar tais condições, o casal passa a viver hipocritamente. Foi talvez para não sujeitar-se a essas mutações, por vezes violentas, que Cruz Filho se deixou ficar na solidão do celibato. Shoppenhauer focaliza objetivamente o assunto quando diz: "em nosso universo monógamo, casar é perder metade de seus direitos e duplicar seus deveres".

Olhos brandos e amorosos jamais conseguiram comprometê-lo. Alguns amores velhos ainda o espreitaram por alguns anos. E ele continuou resistindo. Embora lhe fossem muitas as pretendentes, teve uma afeição na vida para quem dedicou belo soneto. Foi a jovem Maria de Pinho Pessoa, filha do casal Dr. Plácido de Pinho Pessoa, e Da. Marta Barbosa Pessoa, a qual, como ele, morreu solteira, no ano passado. Mostrou-ma Nair Teixeira, no velório do poeta, ao lado do corpo inanimado do seu príncipe encantado.

Se porventura teve algum propósito matrimonial, levou-o para a sepultura, ou as mulheres o dissuadiram disso por decepção. A sua amada foi verdadeiramente a poesia.

O AGNÓSTICO

Não sei se Cruz Filho pode ser considerado um agnóstico no sentido exato do termo, embora o não preocupasse o incandescente problema da salvação eterna. Mas, outros problemas o atormentavam, porque estava sempre a querer perscrutar os fenômenos inextricáveis da existência humana, a querer desvendar o incognoscível, a não esconder sua perplexão ante a existência ou não de outra vida. Ficava por vezes dubitativo diante de tais questões. Não podia, por isso mesmo, esconder algumas apreensões e temores do destino do homem. Quanto mais se aprofundava em tais questões, mais prosperavam suas dúvidas diante desses segredos indestrinçáveis. A verdade é que nunca deixou de curar dos transcendentes problemas de além-túmulo. Ficava ruminando esses complicados assuntos que, se não abalassem suas convicções de ateu, davam-lhe, de certo modo, alguma inquietação. O homem em si já é um mistério, e mistério maior é o seu destino. Para ele algo devia haver além de nossas sensações normais. Tudo isso afetava um pouco a serenidade de sua alma, tanto mais que possuía leituras filosóficas aprofundadas a respeito desses assuntos. Interessava-lhe o mistério de após-morte sobre o qual gostava de discutir, denotando sempre admirável soma de raciocínio. Atraíam-no também os insondáveis mistérios do universo, que tanto fascinam nossa imaginação. O professor e filólogo Mário Barbosa Cordeiro, na solenidade de instalação da "Biblioteca Cruz Filho", em Canindé, diz a certa altura de sua alocução: "e como se poderá estar certo do agnosticismo de quem se mostra intrigado ante o desafio que representa para a inteligência o magnífico espetáculo do mundo, como no-lo apresenta o poeta, em arrojadas composições como "acomismo" ou "ciclogênese"? Não seria esse presumível agnosticismo uma prova de alto interesse pela compreensão de um mundo desconcertante e absurdo aos olhos humanos e da enigmática situação do homem, inserido no contexto universal — tema de tanta e perene atualidade?"

Todas essas indagações, bem longe de nossas percepções, acabavam por si mesmas à falta de respostas que o convencessem, esquecido de que essas complexas questões, para esses mistérios, basta a fé que os ilumine. Cruz Filho via os fatos com sua incredulidade; teimoso no seu agnosticismo, era-o deveras.

Em rigor, meus amigos, Cruz não era ateu. Um belo macaco de bronze, que ostentava em seu gabinete, dizia bem de suas convicções. Cruz parecia crer na simiesca procedência humana. Seria, assim, o homem, na sua concepção, descendente do macado, portador da sua geração? E tanto

acreditava que pediu ao já citado filólogo Mário Barbosa, seu parente e amigo, que o colocasse em seu túmulo, projetado pelo mesmo professor. Que o macaco lhe fizesse companhia na sepultura.

Custa-me crer que um homem inteligente, como era o poeta, pudesse admitir tal hipótese. Conta-se que, no colégio Pedro II, o mestre Carlos de Laet foi interrompido por um aluno que lhe fez, em aula, esta observação: "professor, o papai estava dizendo ontem, à hora do almoço, que a gente veio do macaco", ao que retrucou o célebre polemista e filólogo: "meu filho, não quero intrometer-me em assuntos de sua família".

Inimigo das feitiçarias e bruxarias para as quais achava que o melhor lugar era o hospício, Cruz Filho se insurgia também contra cartomantes e adivinhólogos que atraem e iludem pessoas fracas, ingênuas e crédulas, os quais causam, muitas vezes, malefícios de ordem psíquica incalculáveis, achando que deviam ser penalmente responsabilizados.

A bondade do poeta, seu espírito caridoso podiam redimi-lo de seu ateísmo. O pior ateu não é o que abjura Deus, mas o que o não tem no coração. E se há fraternidade no coração, há a presença de Deus. Não está ele longe de nós; está bem ao alcance de nossos sentidos.

A esse propósito transcrevo o que diz Josafá Linhares em seu trabalho "O Humanismo e as Duas Culturas". Assim se expressa o saudoso mestre: "lembro-me de ter lido, na primeira fase de minha formação intelectual, se me não engano, nas imortais páginas de "Os Miseráveis", de Vítor Hugo, que há dois infinitos: "um acima do homem, que é Deus, e outro, no próprio homem, que é o seu coração".

E aqui me vêm à lembrança amiga duas figuras inteiramente opostas no plano espiritual: Joaquim Pimenta e D. Aquino Correia, ambos extremamente caridosos, preocupados sinceramente com o próximo. Ao grande prelado, quando esteve no Ceará, salientei essa circunstância que os unia, porque havia observado pessoalmente esse aspecto comum na natureza dos dois eminentes brasileiros. Testemunhei também a amizade que unia Cruz Filho ao Professor Andrade Furtado, apesar do antagonismo de crença, amigos sinceros tanto quanto podiam sê-lo duas almas religiosamente antagônicas, de tendências filosóficas opostas, o primeiro impenitente ateu e o segundo, respeitável líder católico.

Cruz Filho, sendo tanatófobo, e ele mesmo o confessava, sempre com a visão macabra da morte, não podia estar tranqüilo para a eventualidade de desenlace próximo. Podia não ser medo da morte, mas amor da vida que, no dizer de Machado de Assis, são sinônimos.

O PURISTA DA LINGUAGEM

Cruz Filho foi primoroso artífice de nossa língua. Conhecia-lhe os segredos e a manejava com admirável correção. Nos longos anos de leitura, em que acumulou cultura clássica, soube ele conviver com os puristas de

nossa língua e deles assimilar a linguagem correta e burilada. Verso ou prosa, tudo lhe saía espontâneo, harmonioso e escorreito. Ligado que era ao francês, conhecia e evitava os galicismos, quer de vocábulos, quer de frases. Inimigo do supérfluo, sua linguagem era densa, concisa, plena de conteúdo. Qualquer problema lingüístico excitava sua curiosidade. Insurgia-se contra os ácaros do idioma por cuja correção se batia tenazmente. E não escondia sua revolta contra os erros da imprensa, onde cada vez mais rareiam os redatores de boas relações com a gramática. E muitas vezes apontava os erros encontrados. Corrigia-os menos por espírito crítico do que por amor do idioma pátrio. Insurgia-se contra os foliculários da má imprensa, "os mercadores do espírito, que vendem o escândalo e a calúnia", no dizer de Machado de Assis. Ardente na crítica aos maus escritores, não o era menos em elogiar os verdadeiros valores. Há um fato que diz bem da sinceridade e até mesmo da intransigência de Cruz Filho em matéria cultural. Quando a escritora Cândida Santiago Galeno, neta do grande bardo cearense Juvenal Galeno, quis reeditar o primeiro livro de seu ilustre avô — "Prelúdios Poéticos", Cruz a desaconselhou por achar-lhe os versos fracos e imaturos, feitos quando o poeta contava vinte anos, e contrastantes com a obra definitiva do rapsodo das "lendas e canções populares", que mudara inteiramente a maneira de poetar. No gabinete de sua residência tinha ao pé de si um consultório gramatical. Eram amigos que o procuravam para consultas de português. Era assim um ortopedista de defeituosos trabalhos que lhe chegavam às mãos, expungindo-lhes os senões gramaticais, cinzelando-lhes o estilo e dando-lhes a última demão.

Era Cruz Filho muito versado em literatura portuguesa e brasileira, de que foi professor no curso complementar do então Liceu do Ceará. Esporadicamente, deparam-se-me alunos que beberam os ensinamentos de sua cultura literária, na curta fase em que ensinou no tradiconal estabelecimento.

O POETA

Chegamos, finalmente, à parte essencial da vida de Cruz Filho: a poesia, que lhe foi o principal instrumento de trabalho. O templo das musas, que tão assídua e entranhadamente freqüentou, fazendo-o com dignidade e elevação, era o seu cenáculo. Cruz Filho viveu no amanho constante da poesia. Esta constituía para ele um verdadeiro culto. Quem se der ao trabalho de buscar o florilégio dos nossos poetas, há de deparar, de logo, a figura altaneira de Cruz Filho. Foi, sem dúvida, um dos maiores poetas do Ceará. E essa confirmação, temo-la na escolha para príncipe dos poetas cearenses, venera com que o povo de sua terra fez justiça a seu ilustre filho. Esse título, que coroou sua vida literária, recebeu-o com humildade, porque nunca o empolgou a ambição da láurea que lhe foi tão justamente conferida em eleição promovida pelos diários associados, que contaram

então, com a participação dos intelectuais da terra. Como já disse, o poeta execrava tudo que tendesse à promoção pessoal.

Meus Senhores,

Sei que não é tarefa simples estudar a obra poética de Cruz Filho. Sei também que não serei eu quem vai aferir o seu merecimento poético; outros, bem mais autorizados, já o fizeram.

Cruz Filho sabia sentir a arte poética em suas mais altas manifestações. Nele não se sabe que mais apreciar, se a substância ou a forma de seus versos. Cultor da nossa língua, cujos segredos lhe eram tão familiares, e com a qual soube traduzir com tanta emoção e arte seus belos pensamentos, deixou versos de extraordinária perfeição de estilo. Versos de boa estirpe não somente na forma e na arte de versejar, mas principalmente, nos sentimentos, porque estes é que são verdadeiramente os valores essenciais, embora se note algum toque de sensualidade e erotismo em alguns de seus versos, a correção da forma, o aprumo da linguagem, a harmonia das rimas lhe eram inerentes. Estilo elevado, repleto de imagens, de sua pena saíram belíssimos versos, preciosos relicários de nossa literatura, dignos da superioridade de seu talento poético. A grandeza de sua alma e a nobreza de seus sentimentos refletem-se na forma magnificente de seus versos. Tanto quanto o sentimento, a linguagem, essa linguagem que define o poeta, porque esta é a expressão do ser. Seu discurso não era feito de palavras gastas, plebéias, mas nobres e apropriadas, fazia versos como o tecelão paciente que se esmera no trabalho, a fim de lhe dar a forma definitiva. São versos em que retrata, com exatidão, quadros da vida real, as emoções da alma. Pena é que sua linguagem. altíloqua o tornasse inacessível ao grande público, parecendo-nos ser poeta mais para a aristocracia do que para o vulgo. Seu engenho poético era tocado de lucubrações filosóficas. Às vezes, não basta lê-lo; é preciso penetrá-lo, descobrir-lhe as metáforas, bela clâmide com que veste os seus versos. Fez poesia dentro dos modelos clássicos. Cruz Filho formou entre os mais altos poetas de nossa terra, eu diria, poeta universal, porque a poesia não tem pátria.

O seu livro "Poesia", onde há essência, onde há suco para alimentar o espírito, foi cuidadosamente datilografado pelo poeta Carlyle Martins, um de seus mais íntimos amigos. Seu livro "O Soneto" constitui estudo profundo a respeito dessa forma poética. Para a segunda edição, ainda inédita, escreveu ele um capítulo sobre Luís Delfino. Posteriormente, chamou a si o encargo de enfeixar sua produção poética num só livro a que deu o título de "Toda a Musa". A Universidade Federal do Ceará, na pessoa do Arqui-reitor Antônio Martins Filho, publicou o livro, em edição comemorativa do décimo aniversário de instalação do mesmo órgão, não apenas para premiar o poeta, mas sobretudo para nos mostrar seu excepcional valor. Quando se publicou "Toda a Musa", Cruz Filho era já celebrado

poeta, de forma que o livro veio apenas consolidar sua posição nas letras cearenses. Deixou aos pósteros essa obra gigantesca que coopta os diversos caminhos poéticos que o poeta se traçou, iniciados com o livro de estréia "Poemas dos Belos Dias".

Era o poeta de sua maior predileção Alberto de Oliveira, que colocava acima de Bilac, a cuja memória dedicou também o seu "Toda a Musa".

Admirador da França e da poesia francesa, José Maria de Heredia, o célebre poeta parnasiano e conhecido autor dos "Troféus", era o poeta de sua preferência. Manifestava-se às vezes, com grande entusiasmo, sobre Leconte de Lisle e Sully Prodhomme e outros representantes da língua de Racine. Traduziu Cruz Filho alguns sonetos para a nossa língua, valendo destacar "A Concha", de José Maria de Heredia, "Prece", de Sully Prodhomme e "A Cidadela", de Edmundo Haraucourt. Mereceu do poeta francês Henri Allorge a versão de seu belo soneto "O Cisne".

Poderia destacar muitos de seus magníficos sonetos, de incontestável beleza, porque Cruz Filho foi poeta de grande estro e extraordinária sensibilidade, se o tempo mo permitisse, mas me detenho em alguns deles, que a mim me parecem mais agradáveis. "A Árvore de Sândalo" já o conhecia, rapazinho ainda, em álbuns de donzelas colecionadoras de mimos poéticos. Nunca me saíram do ouvido os acordes finais desse belíssimo soneto:

"Este amor é como a árvore de sândalo,
que, ferido de morte, inda perfuma
o gume do machado que o golpeia".

O poeta inicia o livro com uma jóia de alto valor e em lídimo vernáculo — "Noturno", que abre o capítulo "Jardim de Capuleto", dedicado à memória de Olavo Bilac.

Vale a pena ouvir "O Corvo de Poe", a inspiração que o poeta foi buscar ao ardente e mórbido escritor das Américas:

"Estou só. Penso em ti. O luar magoado e enfermo
Magnetiza, com a unção da sua luz dorida,
A natureza morta. E mais ermo é o meu ermo,
Com esta saudade cruel que me enoitece a vida.

E, neste horto, onde a dor não tem trégua nem termo
Alva mão sai da sombra e dá-me, sem medida,
O cálice da angústia. E eu — lívido estafermo —
Sorvo, com sede atroz, a tóxica bebida.

Peço à noite a visão do teu rosto risonho,
Do encanto imaterial dos teus olhos de sonho,
Dos gestos dessas mãos, no último adeus, enfim.

Mas a morte imprimiu-te o seu funéreo beijo,
E eu sinto, pela noite, em concêntrico adejo,
Esse corvo de Poe a pairar sobre mim!

Não é preciso ser exegeta para perscrutar a alma do poeta. Vede-a no soneto admirável de estilo — "A Insídia do Eco", encanto de melodia, obra de verdadeiro cristal. E é com o pensamento no primeiro terceto que ausculto a alma do poeta:

"Porque busco no vácuo o que existe em mim mesmo
Julgo em vão compreender essa voz que me fala,
Crendo que, no exterior, algo lhe corresponde".

A descrença, impassível companheira do poeta, está presente no soneto "Ciclogênese". Para senti-la, basta ouvir o primeiro quarteto:

"Quem sou eu? — Átomo eterno e indestrutível
Da protéica matéria soberana,
Detido aqui, sob a figura humana,
— Simbólica expressão do inexpressível!"

O seu conhecido soneto "A Ilusão do Sapo", a que o Professor Mário Barbosa Cordeiro faz referência e transcreve em seu trabalho, constitui página de elevado mérito do seu engenho poético.

Vejo-o ora altaneiro no verso alexandrino, ora correntio na singela quadra, e em ambas as situações, mantém-se o poeta superiormente elevado. E aqui vai, em rápida pincelada, essa quadra faceta:

"Quando fito aquela estrela
Que brilha no azul sem fim,
Recordo alguém que, ao revê-la,
Já não se lembra de mim".

Aqui, nesta trova, fala o poeta a linguagem do sentimento e do coração:

"Nunca te disse que te amo
No entanto, que terno amor
Este, que em versos derramo,
Sem endereço lhes pôr!"

Malogros, decepções e desenganos não podiam dissimular seus sentimentos de revolta estampados na alma do poeta em "Elegia de Uma Noite de Inverno":

"Que é das juras mentirosas,
Que aqueles lábios juraram?
Que é feito de tantas rosas,
Que o meu caminho juncaram?"

Sai-lhe o imo do peito esta quadra faceta:

"Imita o amor a atitude
Da lua clara e brilhante:
— Mal atinge a plenitude,
Entra no quarto minguante".

O seu extraordinário e dúctil talento poético está presente nas belas trovas que compôs:

"Amor é clarão e é lodo,
Amor é bem, e mal é,
Amor é mentira e engodo,
Amor é verdade até".

Paremos aqui. O vigor e a beleza de seus versos contrastam com a palidez desta modesta apreciação. Enfim, não se critica, não se analisa Cruz Filho. Louva-se-lhe a obra pelo seu alto merecimento. A reputação do poeta há de ser confirmada pelo rigor da posteridade, sempre severa e justa em seu julgamento. Mesmo octogenário, compunha com o inalterado vigor e desenvoltura seus belos versos. Dele posso afirmar o que Machado de Assis disse do poeta inglês Tennyson, cujos "oitenta e três anos não lhe tinham arrancado as plumas das asas de poeta".

Seu espírito estendeu-se por outras áreas: a historiografia, de que resultou o excelente livro — "Pequena História do Ceará", estudo criterioso e imparcial dos nossos fatos, que tem servido de fonte a muitos trabalhos no gênero e cuja segunda edição será brevemente editada por Luís Maia; o conto, com a publicação de "Histórias de Trancoso", livro em que não ficavam alheios os caracteres e paixões humanas, revelando o contista de talento e imaginação.

Cruz Filho foi um caminheiro que passou por este mundo com seu farnel repleto de suculento mel de seus versos e de seus sonhos, versos e sonhos que nos ofereceu em taça de cristal.

CONCLUSÃO

Sua caminhada por este mundo foi longa, entremeada de vitórias e fracassos, de ilusões e desenganos, de flores e espinhos. A soma desses contrastes pesou sobre o coração do velho poeta, que deixou de pulsar no dia 29 de agosto de 1974, em sua residência, na Rua General Sampaio, 1116.

Precisamente às 9 horas transpunha ele os limites da vida humana, entrando para a eternidade de que tanto duvidava. Faleceu de broncopneumonia, conforme atestado de óbito assinado pelo Dr. Moacir Bezerra, poucos dias antes de completar 90 anos. À noite, estava ao seu lado, velando-lhe o corpo um de seus primeiros e talvez único amor, a quem, como já disse, dedicou um de seus belos sonetos.

Estava concluída sua luminosa passagem nesta vida, que lhe foi marcada mais por incompreensões e amarguras. Afinal, a vida não passa de um somatório de alegrias e tristezas, ilusões e desenganos. Morreu o poeta, mas permanecem os seus versos tão belos e tão brilhantes.

Já antes ficara impossibilitado de sair de casa, mas nunca se queixou da velhice e do fato de não poder locomover-se. Avizinhando-se da morte, não se lhe alterou a incredulidade, quando muitos à beira da sepultura se rendem à contrição. Cruz Filho continuava entendendo que a estrada de sua longa vida findara ali. Ao levá-lo para o cemitério, acudiu-me a indagação: encerrar-se-ia a sua vida como ele pensava, naquela fúnebre e soturna morada? Creio que não! Foi-se o poeta como se foram tantos outros de igual merecimento que caíram no olvido.

Já próximo dos noventa anos, estes lhe não curvaram o porte ereto e não perdera o vigor do raciocínio, apenas atingido pela languidez própria da velhice, o que torna a vida para o velho pouco apetecível, porque desaparecem os amigos, a saúde, senão o dinheiro, especialmente no poeta que lhe é própria a inadvertência do futuro. Após a aposentadoria, era solícito com todos os que o procuravam em seu pequeno gabinete, onde absortamente lia e escrevia. Era aquele gabinete o seu pequeno mundo, porque dele raramente se afastava, aplicando-se a si mesmo um sistema de vida demasiado severo. A poluição sonora de milhares de veículos que passavam diariamente em sua porta, numa das mais agitadas e buliçosas ruas de Fortaleza, agravara-lhe a surdez. Sempre lendo e escrevendo em seu gabinete, nunca lhe arrefeceram a inspiração e as disposições do espírito.

Embora vivesse recluso, ao lado do irmão Gregoriano, gostava das boas palestras com os amigos que lhe freqüentavam a casa, entre estes, Raimundo Girão, Carlyle Martins, Carlos Studart Filho, Moreira Campos, Sidney Neto, Sânzio de Azevedo, Mário Barbosa Cordeiro, seu primo José Cordeiro e tantos outros que iam apreciar-lhe a palestra culta e amiga. Muitas vezes lá o encontrei mergulhado, horas esquecidas, em suas leituras aturadas e contínuas.

Pouco antes de morrer, faleceu seu irmão Gregoriano, que lhe não ficava inferior em cultura. A morte do irmão foi-lhe grande abalo. Sempre morando juntos, estimavam-se muito, posto que não houvesse tanta similitude de temperamento entre o dois velhos celibatários. Em alguns pontos se acentuava o contraste dessas duas naturezas irmãs. Mas eram tão ligados, tão unidos, que um era a parte complementar da vida do outro. Estavam ambos velhos e doentes e tinham pois de suportar-se. Havia assim uma indulgência recíproca.

A separação, uma terrível separação de dois seres que tanto se queriam, abateu profundamente o poeta. A morte de Gregoriano o feriu duramente, mas os separou de curta distância do tempo em que o levou para o jazigo por ele mesmo preparado para recebê-los.

Se o mundo é, como dizem, uma grande balança onde se pesam os bons e os maus, Cruz Filho está entre os primeiros, fadado assim, a um destino melhor.

Com a sua morte, o principado da poesia em nossa terra não ficou órfão de autêntico e digno representante, passado que foi às mãos de Jáder de Carvalho. Morreu, assim, o poeta, legando-nos sua admirável e imperecível obra poética. Em verdade, ele nos legou muito mais do que disse, no terceto final de seu "Soneto de um Estóico":

"Plantei uma árvore e compus um poema . . .
Não tive herdeiro a quem legar o espólio
Deste grito de dor, que é a vida do homem!"

Canindé não recebeu seus despojos, mas recebeu sua biblioteca, encarnação dele próprio, para eterna memória dos canindeenses. Quando falava em seu torrão natal, que nunca lhe saiu da mente, alumiava-se-lhe a fisionomia de contentamento e saudade na doce recapitulação de coisas e fatos passados e via crescerem-se-lhe as esperanças de rever a terra que lhe serviu de berço.

Embora não tenha pertencido a este Instituto presta este órgão justa e merecida homenagem ao laureado poeta e notável estilista, nome que glorifica verdadeiramente as letras cearenses.

(Palestra proferida no Instituto do Ceará, em sessão de 22 de outubro de 1984)